

CORAÇÃO DE LEÃO – UM ANTI-HEROI (?): SOBRE A MITIFICAÇÃO DO REI RICARDO I NO ROMANCE MEDIEVAL *COER DE LYON* (XV)

MAURICIO DA CUNHA ALBUQUERQUE¹; DANIELE GALLINDO
GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricioalbuquerq@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Ricardo Coração de Leão: poucos reis medievais ficaram tão famosos quanto ele. Os cronistas ingleses o tinham como um modelo de governante: “[T]inha o valor de Heitor, o heroísmo de Aquiles, [...] não era inferior a Alexandre, nem menos valente que Rolando” (DE TEMPLO apud RODRIGUES, 2019, p. 155). Dizem que ele descendia do deus germânico Woden (DICETO, apud Gillingham, 2002, p. 24) e que liderou a Terceira Cruzada levando consigo a espada Excalibur (HOWDEN apud GILLINGHAM, 2002, p. 141), dilacerando seus oponentes com uma brutalidade leonina. Sua história serviu de inspiração para trovadores, menestrelis e romancistas, que por séculos cantaram aos quatro ventos as proezas do quase lendário Rei Cavaleiro – da rebelião contra o pai, a ida às cruzadas, o cativo na Alemanha, ao retorno triunfante, quase messiânico, à Inglaterra.

Ricardo I é um daqueles personagens que deixam os historiadores inquietos. A realidade do sujeito histórico se confunde com os relatos dos cronistas da época, que insistiam em representa-lo como o monarca ideal, omitindo ou dando pouca visibilidade as suas falhas, defeitos e fracassos. Para uns, Ricardo foi um grande líder militar, amante da música, da poesia e dos grandes feitos; um monarca familiarizado aos ideais de cavalaria, que buscava a proeza acima de tudo; audacioso, intrépido, defensor do cristianismo, da Igreja, enfim, um personagem romanesco. Para outros, um soberano ostentoso e prepotente, colérico, impulsivo, extravagante, péssimo administrador; negligente com os assuntos públicos, com as finanças do reino e especialmente com o território britânico.

Stephen Runciman afirma que “Ricardo foi um mau filho, um mau marido e um mau rei, mas um corajoso e esplendido soldado” (1987, p. 75). Jean Flori, por sua vez, contesta esta afirmação ao dizer que “Ricardo não era um mau rei que negligenciava a realidade de suas funções [...] Pode-se até dizer que ele inaugurou uma nova maneira de governar, a cavalo e com espada em punho” (2003, p. 535). De toda forma, não há como negar que o debate historiográfico acerca do papel que Ricardo I desempenhou no contexto europeu do século XII e na Terceira Cruzada (1189 – 1192) é, de fato, extenso e espinhoso, mas, independente da visão historiográfica que se adote, existe um ponto que nenhum historiador haverá de discordar: Ricardo I entrou para a história como um herói. É esta imagem do personagem que melhor sobreviveu no imaginário britânico e ocidental; que, entre transformações e metamorfoses das mais controversas, conseguiu se impor ante as demais.

Das centenas de obras produzidas nos últimos oitocentos anos que apostam na representação mitificada do Rei Cavaleiro inglês, uma, em particular, chama nossa atenção: o romance medieval *Coer de Lyon* – precisamente, a versão do manuscrito *Gonville and Caius College MS 175* (datado do século XV).

Esta obra se destaca em relação a outras que tratam do mesmo personagem devido a maneira como o representa. Em *Coer de Lyon*, Ricardo I é filho de uma princesa demônia (e não de Leonor da Aquitânia, como normalmente é tido pela historiografia), é prepotente, arrogante, chega a negar comida para um menestrel e até a comer carne humana. Apesar de possuir uma série de características contraditórias, a narrativa não abandona a idéia de Ricardo I como herói, mas o faz de maneira ambivalente, caracterizando o que Neil Cartlidge define como um modeló anti-heroico medieval.

A pesquisa busca entender como esta representação dialoga com seu contexto sociocultural e como constrói um mito distinto para a figura do Rei-Cavaleiro.

2. METODOLOGIA

No que concerne à teoria, o trabalho proposto se alinha a duas áreas do conhecimento que fornecem o instrumental teórico e metodológico para nossa empreitada. A primeira é a dos *Studies in Medievalism* – nome que designa a corrente anglo-americana de estudos sobre a recepção do medievo – e a segunda é a dos estudos das Mitologias e Imaginários Políticos (GIRARDET, 1989; TUDOR, 1972). Utilizamos, então, das noções de medievalismo (WORKMAN apud MATHEW, 2015, p. 7), imaginário (WUNENBURGER, 2007, p. 12) e mito-político (GIRARDET, 1989, p. 12; TUDOR, 1972, p. 13). Quanto à metodologia empregada, nos baseamos na mitocrítica de Gilbert Durand (1985, 251).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance *Coer de Lyon* é um verdadeiro “ponto fora da curva” no que concerne a maneira como representa o rei Ricardo I. Ele destoa tanto das crônicas escritas em latim (de autores como Roger de Howden, Ambrósio, Geraldo de Gales, Raul de Diceto, Raul de Coggeshall, Ricardo de Templo, Ricardo Devizes e Mathew Paris) como de crônicas mais tardias escritas em línguas vernaculares – como a Crônica de Brutus, que entre os séculos XIII e XVI foi narrativa “padrão” da história da Inglaterra. Nestes últimos exemplos que acabamos de mencionar, Ricardo I é geralmente tratado como um grande rei; um guerreiro e comandante militar habilidoso, generoso com seus súditos e defensor dos interesses da Igreja, devido sua participação na Terceira Cruzada. Quando esses autores criticam o monarca inglês, o fazem de maneira velada, com jogos de palavras e sutilmente, de forma que as reprovações (quando existem) são curtas e em nada se comparam aos elogios extensos, cheios de superlativos.

O romance *Coer de Lyon* é uma obra à parte porque rompe com esta tradição, mas sem cair no extremo oposto. Escrito em inglês médio com cerca de dez cópias que sobreviveram até os nossos dias, o romance apresenta já nas primeiras páginas a origem sobrenatural de Ricardo, filho de uma princesa demoníaca de Antioquia chamada Cassiodora. Este mitema (da origem sobrenatural de natureza diabólica) pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, como referência a uma antiga lenda sobre uma condessa de Anjou (antepassada de Ricardo) que teria disfarçado sua identidade demoníaca para seduzir o conde angevino, manchando toda a sua descendência; e segundo: como uma maneira eliminar a ascendência francesa de Ricardo, dado que o romance é contemporâneo à Guerra dos Cem Anos (1337 d.c – 1453 d.c).



Este elemento diabólico é reiterado em vários momentos da narrativa. Ele explica, de certa maneira, a estranha superforça do monarca, que é capaz de dilacerar dezenas de adversários com apenas um golpe de machado e, em um episódio específico, derrota um leão com as próprias mãos, enfia sua mão na garganta do animal, arranca seu coração e o come. Em vários momentos o termo “devyl” (que no inglês médio significa “diabo”) é utilizado, geralmente dito por algum personagem secundário, para se referir ao rei inglês, quando o mesmo realiza alguma ação que seria inimaginável para um ser humano comum.

Várias outras situações controversas são apresentadas na história. Ricardo é extremamente brutal, assassina milhares de muçulmanos que não aceitam se converter ao cristianismo, age com avareza ao negar comida para um menestrel e possui uma personalidade prepotente. O episódio mais controverso acontece quando Ricardo se alimenta de carne humana, do corpo de um soldado sarraceno, o que – em nosso entender – não pode ser explicado de outra maneira senão pela natureza diabólica do protagonista.

Neste sentido, tomando a perspectiva de Neil Cartlidge (2012), o romance *Coer de Lyon* faz uma releitura das aventuras do monarca guerreiro mas sob o prisma do anti-herói. Para o autor, a conduta anti-heróica pode ser detectada nos romances medievais quando o personagem em questão foge às normas de conduta que são esperadas de sua categoria, seja pelo fracasso ou pela subversão proposital desses valores.

A proposta de Cartlidge é bastante inovadora (ao menos se considerarmos a produção bibliográfica de língua inglesa sobre esse assunto), pois permite ao medievalista pensar os personagens deste período de forma mais nuançada, fugindo das dicotomias herói/vilão, bom/mal, cristão/pagão, etc. Se do herói é esperado que aja de maneira cortês, cavaleiresca, que preze por valores aristocráticos, que cumpra com expectativas sociais quanto a performance de masculinidade (virilidade) e que seja afeito aos assuntos da guerra, podemos considerar como anti-heróico tudo o que foge a tal sistema de valores. O anti-herói medieval pode assumir a forma de um cavaleiro mulhengo (como Gawain), de um rei que após ser derrotado passou a viver como heremita (como Harold Godwineson, na *Vita Haroldi*), de um mago que – assim como o Rei Ricardo no romance que estamos analisando – descende de demônios, entre outros tipos.

O que levou o autor (anônimo) de *Coer de Lyon* a optar por tal representação do monarca é algo que não podemos dizer que exatidão, mas é possível levantar algumas hipóteses. A versão mais antiga do romance (presente no manuscrito de Auchinleck) data de aproximadamente 1330 d.c, quase um século e meio após a morte de Ricardo I; a versão que utilizamos aqui (*Gonville and Caius College MS 175*), data da primeira metade do século XV – ou seja, entre dois séculos e dois séculos e meio após a morte do monarca inglês. Trata-se de tempo suficiente para que lendas, boatos e histórias fantásticas sejam criadas e passem a circular entre os meios aristocráticos, em especial entre a baixa nobreza, classe que nutria grande interesse por narrativas populares deste tipo.

Os romances métricos – como *Coer de Lyon* – compunham o tipo de literatura “popular” que agradava a estas categorias sociais que, entre muitas outras, podemos chamar de “classes médias” do medievo tardio. Nicola McDonald afirma em seu livro *Pulp Fictions of Medieval England: Essays in Popular Romance* (2004) que estes romances tinham no período medieval um papel análogo ao das *Pulp Fictions* que se popularizaram na primeira metade do século XV, no sentido que tratavam de temas que poderiam ser excessivamente



vulgares, ou até ultrajantes para o gosto das camadas sociais mais elevadas, como clero e alta nobreza – o que pode ser uma possível explicação do porquê não encontramos representações tão contraditórias de Ricardo I nas fontes cronísticas, sendo a obra literária aqui analisado uma exceção à regra.

4. CONCLUSÕES

Coer de Lyon é um produto de sua época e de seu meio social, propondo uma versão diferente para as aventuras do famoso *Coração de Leão*. A história se distingue da escrita cronística de seu período ao enfatizar aspectos controversos do personagem, sem com isso tratá-lo como um vilão. Se tratando de Inglaterra, os romances métricos do medievo tardio eram normalmente produzidos para contemplar os gostos da baixa nobreza e da *gentry* (extrato social mais alto do campesinato que, apesar de não possuir títulos de nobreza, dispunha de condições econômicas semelhantes às da aristocracia). Em outras palavras, são histórias que “brincam” com as percepções que estes grupos sociais tinham acerca do passado, dos heróis e das lendas locais. Logo, a representação ambivalente que *Coer de Lyon* oferece do personagem se explica em parte pela natureza da fonte, mas também nos mostra que, na Inglaterra Medieval, haviam outras percepções bastante conflitantes acerca do monarca. A origem demoníaca, a avareza, a prepotência, a violência de Ricardo I não estariam presentes neste romance se elas não tivessem alguma ressonância no imaginário social dos ingleses.

Além dos aspectos que já foram levantados até aqui, ressaltamos também a importância que as produções voltadas às categorias sociais medianas (baixa nobreza, burguesia emergente, *gentry*, etc) têm para a compreensão dos mitos, do imaginário e da cultura popular, abrindo uma janela importantíssima para a compreensão não só destes grupos sociais, mas também da maneira como eles percebiam a própria história da Inglaterra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÔNIMO. **Coer de Lyon**. Trad. Peter Larkin. Medieval Institute Publications: Kalamazoo, 2015.
- CARTLIDGE, Neil. *Heroes and Anti-heroes in Medieval Romance*. Suffolk: Boydell & Brewer, 2012.
- DURAND, Gilbert. Sobre a Exploração do Imaginário, seu Vocabulário, Métodos e Aplicações: mito, mitanálise e mitocrítica. In: **Rev. Fac. Educação**. São Paulo, USP, 11(1/2):243-273, 1985.
- GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia da Letras, 1989.
- MATHEW, David. **Medievalism: A Critical Review**. Cambridge: Boydell and Bryer, 2015.
- McDONALD, Nicola. **Pulp Fictions of Medieval England: Essays in Popular Romance**. Manchester: Manchester University Press, 2004.
- TUDOR, Henry. **Political Myth**. London: Macmillan International Higher Education, 1972.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007